
Contribuições de Stáline para a Ciência Militar e Política Soviética (XXV)

Ulrich Huar

Capítulo II

Preparação do plano da contra-ofensiva

«A batalha de Canas¹ do século XX decorreu de acordo com as regras perfeitas da clássica arte da guerra.»

Tchuikov

«Depois da morte de Stáline surgiu a questão de quem planeava uma tão importante contra-ofensiva, quer na sua dimensão, na sua eficácia e nos seus resultados.»²

Depois do famigerado «relatório secreto» de Khruchov, no XX Congresso do PCUS, e ainda mais depois do anúncio da «*glasnost*» de Gorbatchov, do «*novo pensamento!*», tornou-se usual, também em publicações que se consideram «*de esquerda*», ignorar o papel de Stáline na elaboração do plano e execução da contra-ofensiva. Afinal, não se deve intimidar a bem-intencionada e culta burguesia e mostrar-se aberto a «*novos*» conhecimentos.

Ou se ignora, não se nomeando ninguém, ou o plano é atribuído exclusivamente a Júkov. Às vezes também se sublinha um único general, Tchuikov, como «*o verdadeiro herói*» de Stalingrado, como se um único general pudesse ter planeado e executado uma tal batalha. Na história em seis volumes do PCUS, vol. V, afirma-se que Júkov e Vassiliévski apresentaram o «*plano da contra-ofensiva*» a 13 de Novembro numa reunião do CC do PCUS e do QG. «*Depois de minucioso debate foi aprovado.*»³ Aprovado por quem? Pelo porteiro?

Segundo Berkhine, «*o comando supremo soviético em conjunto com os comandos das frentes de Stalingrado, Sudoeste e Don preparou uma grandiosa operação*

¹ A Batalha de Canas (Cannae), também conhecida como a Batalha da Aniquilação, travada a 2 de agosto de 216 a.C., foi uma batalha decisiva da Segunda Guerra Púnica, em que o exército cartaginês liderado por Aníbal esmagou o exército romano liderado por Varrão. (*N. Ed.*)

² Júkov, Tomo 2, p. 48.

³ *História do Partido Comunista da União Soviética* em seis volumes, Vol. V, livro I, Moscovo, 1974, p. 369 e seg.

para cercar e destruir em toda a região de Stalingrado os grupos inimigos aí estacionados.»⁴ As pessoas dos referidos comandos (general Eriómenko, tenente-general Vatútime, tenente-general Rokossóvski) ficaram no anonimato.

De acordo com a *História do Partido Comunista da União Soviética*, Moscovo, 1959/Berlim, 1960, não existia, pelos vistos, a 19 de Novembro de 1942, nenhum plano para a contra-ofensiva do Exército Vermelho. Teve simplesmente lugar.⁵ Na *História do Partido Comunista da União Soviética*, Moscovo, 1969/Berlim, 1971, refere-se «o plano estratégico para a destruição das tropas fascistas em Stalingrado» como «resultado de uma enorme acção construtiva conjunta do Quartel-General, dos comandantes dos diferentes ramos das Forças Armadas e dos comandantes das frentes».⁶

Até aqui isto é basicamente correcto. Depois segue-se uma formulação salomónica: «Os representantes do QG G.K. Júkov, A.M. Vassiliévski e N.N. Voronov desempenharam um papel importante na elaboração e execução deste plano.»⁷

Não se pode negar que os generais referidos desempenharam um «papel importante», no qual a parte de Júkov – **representante substituto do Comandante Supremo! Isto é, de Stáline!** – assim como a do general de Brigada Vassiliévski, chefe do Estado-Maior, ainda ficam insuficientemente expostas.

Tais omissões pertencem a uma escrita da história que segue a pseudo-história revisionista e trotskista, na qual Stáline tem de ser *persona non grata* e deve ser eliminado da ciência histórica. Não é de admirar que uma tal concepção «crítica» e «autocrítica» da história de conhecidos autores «de esquerda» encontre o aplauso da historiografia e do publicismo burgueses.

Júkov relatou pormenorizadamente nas suas memórias como foi e por quem foi elaborado o plano da contra-ofensiva, de que serão referidos os principais excertos.

A 27 de Agosto de 1942, ou seja, depois do início da batalha de Stalingrado a 17 de Julho, Júkov, que comandava a Frente Ocidental, foi chamado a Moscovo pela ligação directa de Stáline. O Comité de Defesa Estatal decidira nomeá-lo representante substituto do Comandante Supremo, isto é, de Stáline.

Júkov relata: «Stáline disse que as coisas a Sul estavam mal e podia acontecer que o inimigo tomasse Stalingrado. No Cáucaso a situação também não estava melhor.» Júkov devia voar imediatamente para a região de Stalingrado. Vassiliévski, que se encontrava aí nessa altura, devia regressar a Moscovo.⁸

Segundo Júkov, Stáline esclareceu: «Perante a situação difícil em Stalingrado, ordenámos a deslocação urgente do exército comandado por Moskalenko para a região de Lesnoi, de modo a, na manhã de 2 de Setembro, este exército e outras tropas da frente de Stalingrado realizarem um contra-ataque contra os grupos que tinham avançado até ao Volga. O objectivo do contra-ataque é juntar-se ao 62.º exército (Tchuikov, UH). Simultaneamente, o 66.º Exército, sob comando do general Malinovski e o 24.º Exército, sob o comando do general Koslov serão transferidos para a frente de Stalingrado.

⁴ Bershin [Berkhine, na transliteração para português], *ibidem*, p. 523 e seg.

⁵ *História do Partido Comunista da União Soviética*, Moscovo 1959/Berlim 1960, p. 720.

⁶ *História do Partido Comunista da União Soviética*, Moscovo 1969/Berlim 1971, p. 605.

⁷ *Idem*, *ibidem*.

⁸ Júkov, tomo 2, p. 22.

Quanto a si, deve tomar medidas que permitam ao 1.º Exército de Elite executar o contragolpe, a 2 de Setembro, e aos 24.º e 26.º exércitos ocuparem as suas posições sob esta protecção (...) Tem de utilizar imediatamente estes dois exércitos, se não perdemos Stalingrado.»⁹

No início de Setembro a situação era crítica para as tropas soviéticas. O 6.º Exército sob o comando do general de brigada Paulus avançou para Stalingrado. Na madrugada de 3 de Setembro, o 1.º Exército de Elite sob o comando do general Moskalenko executou um contragolpe, mas foi rechaçado por poderosas forças alemãs. À noite, Júkov recebeu um telegrama de Stáline: «*A situação em Stalingrado piorou. O adversário encontra-se a cerca de três verstas¹⁰ da cidade. Stalingrado pode cair hoje ou amanhã, caso o grupo do Norte não disponibilize ajuda imediata. Exija aos comandantes a Norte e a Noroeste de Stalingrado que ataquem imediatamente e se apressem a auxiliar os habitantes da cidade. Cada adiamento é inadmissível e representaria um crime. Utilize todos os aviões para apoiar Stalingrado. Na cidade há poucos aviões*».

Telefonei imediatamente a Stáline e informei que podia ordenar uma ofensiva na manhã seguinte, mas as tropas seriam obrigadas a iniciar os combates quase sem munições, porque estas só podiam chegar às linhas de combate na noite de 4 de Setembro. Para além disso, antes da noite de 4, não seria possível organizar a actuação conjunta da artilharia, dos blindados e dos aviões. E sem esta preparação, a ofensiva não faria sentido. “Acredita que o inimigo esperará até você estar preparado? Eriómenko afirma que o adversário pode tomar Stalingrado no primeiro ataque se você não avançar imediatamente de Norte”.

Ripostei que não concordava com Eriómenko e pedi autorização para iniciar a ofensiva a 5 de Setembro, como estava combinado. Por minha ordem, os aviões atacariam imediatamente o adversário com todas as forças disponíveis.

“Está bem. Mas se o adversário iniciar uma ofensiva geral à cidade, atacará de imediato, sem esperar a disponibilidade final das tropas. A sua tarefa principal consiste em desviar as forças adversárias de Stalingrado e, se possível, eliminar o corredor que separa a frente de Stalingrado da frente Sudeste.”

Até à manhã de 5 de Setembro não aconteceu nada de especial, como calculávamos. Stáline telefonou a Malenkov às 3.00 horas para se informar se as tropas da frente de Stalingrado passariam à ofensiva. Quando se convenceu de que a sua ordem seria executada, não me telefonou mais.»¹¹

A 5 de Setembro desenrolaram-se duros combates que duraram todo o dia.

«*Stáline telefonou-me de novo noite dentro.*

“Como está Stalingrado?”

Informei que durante todo o dia se tinham desenrolado duros combates. A Norte de Stalingrado, o adversário tinha colocado novas tropas em combate, que tinham sido transferidas da região de Gumrak.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 23.

¹⁰ Antiga medida de comprimento russa: 1 versta = 1,067 km. (NT)

¹¹ Idem.

“Hum, isso é bom”, disse Stáline. “Isso é uma grande ajuda para Stalingrado”. Informei ainda: “As nossas tropas avançaram muito pouco e encontram-se em parte ainda nas suas posições de saída.”

“O que se passa por aí?”

“Por falta de tempo, não se puderam preparar convenientemente para a ofensiva, a artilharia não pôde identificar bem os alvos e os sistemas de fogo do adversário, pelo que não foi possível deter a sua capacidade de fogo. Quando as nossas tropas passaram ao ataque, o adversário pôde pará-las com o seu fogo e o seu contra-ataque. Para além disso, a força aérea do adversário foi superior durante todo o dia e atacaram permanentemente as nossas tropas.”

“Continue o seu ataque”, ordenou Stáline. “A sua tarefa principal é retirar o máximo possível de forças adversárias de Stalingrado.”

A 10 de Setembro, quando voltei a visitar parte das tropas e unidades do exército concluí que, com as forças existentes e com estes grupos, era impossível romper as posições do adversário e eliminar os seus corredores. Os generais Gordov, Moskalenko, Malinovski e Koslov pronunciaram-se no mesmo sentido.

Na minha informação a Stáline escrevi: “Com as forças que a frente de Stalingrado possui é impossível romper o corredor e juntarmo-nos na cidade às tropas da frente Sudeste. A defesa do adversário foi bastante reforçada com novas forças da região de Stalingrado. Com as mesmas forças e as mesmas unidades, novos ataques da nossa parte serão inúteis e conduzirão inevitavelmente a pesadas baixas. Precisamos de mais tropas e tempo para um novo reagrupamento para poder executar um golpe concentrado. Os exércitos não se encontram em condições de combater o adversário através de golpes isolados.”

Stáline respondeu que não seria mau se eu próprio fosse a Moscovo informar sobre estas questões. A 12 de Setembro voei até Moscovo e quatro horas depois já estava no Krémelin, para onde também tinha sido chamado o chefe do Estado-Maior Vassiliévski.

Vassiliévski transmitiu as últimas informações, segundo as quais as tropas fascistas da região de Kotelnikovo tinham sido transferidas para a região de Stalingrado, longe dos combates na região de Novorossisk e na direcção de Grozni.

Stáline ouviu atentamente o relato de Vassiliévski e depois sintetizou: “Eles querem alcançar a todo o custo o petróleo em Grozni. Agora queremos ouvir o que Júkov tem a dizer sobre Stalingrado.”

Repeti o que já tinha informado telefonicamente e disse ainda que o 24.º Exército, o 1.º Exército de Elite e o 66.º Exército, que haviam participado na ofensiva de 5 a 11 de Setembro, tinham demonstrado ser poderosas unidades de combate. O seu ponto fraco era a ausência de meios de reforço eficazes. Possuíam poucos obuses e unidades blindadas, necessários para o apoio directo das tropas de defesa.

Além disso o terreno era extremamente desvantajoso para uma ofensiva das nossas tropas: por um lado era demasiado aberto e por outro era atravessado por ravinas profundas que ofereciam uma boa protecção contra o nosso fogo. O adversário já tinha tomado uma série de colinas e podia ver bem a nossa retaguarda e manobrar o seu fogo em todas as direcções. Além disso, o adversário disparava contra nós da região de Kuzmitchi-Akatovka-Sovkhoz “Opitnoe Pole” com bocas-de-fogo de

grande alcance. Sob estas condições, o 24.º exército, o 1.º Exército de Elite e o 66.º exército da frente de Stalingrado não podiam romper a defesa adversária.

“De que precisa a Frente de Stalingrado para eliminar este corredor e unir-se à Frente Sudeste?”, perguntou Stáline.

“Para isso precisa pelo menos de um exército completo, um corpo de blindados, três brigadas motorizadas e pelo menos quatrocentos obuses. Além disso, tem de se concentrar aí durante a operação pelo menos mais uma unidade de aviação.”

Vassiliévski concordou com os meus cálculos.

Stáline foi buscar o seu mapa com as reservas do QG e analisou-o longamente. Vassiliévski e eu afastámo-nos da sua mesa e falámos baixo sobre a possibilidade de manifestamente ter de se procurar uma outra solução.

“Que ‘outra’ solução?”, perguntou Stáline e levantou a cabeça.

Nunca pensei que ele ouvisse tão bem. Voltámos para a sua mesa.

“Ide para o Estado-Maior e reflecti profundamente sobre o que se tem de fazer na região de Stalingrado. Que tropas e de que zonas devemos retirá-las para reforçar as de Stalingrado. Pensai também sobre o que podemos fazer na frente do Cáucaso. Amanhã à meia-noite vamos reunirmo-nos aqui de novo.”

No dia seguinte, eu e Vassiliévski trabalhámos no Estado-Maior.

Concentrámo-nos na possibilidade de executar uma operação em grande escala para não desperdiçarmos a disposição das reservas já existentes em operações locais. Em Outubro terminámos a disposição das reservas estratégicas. Nesta altura, a nossa indústria já tinha aumentado significativamente a produção de aviões modernos e de munições de artilharia.

Depois de Vassiliévski e eu termos avaliado todas as variantes possíveis, decidimos apresentar os planos da Operação a Stáline. Em primeiro lugar, o adversário devia continuar a ser enfraquecido através de uma defesa activa. Em segundo lugar, queríamos desenvolver um plano de contra-ofensiva para derrotar o adversário na região de Stalingrado de uma forma tão aniquiladora que alterasse definitivamente a nosso favor toda a situação estratégica no Sul.

Não estávamos naturalmente em condições de preparar, naquele dia, um cálculo para a contra-ofensiva, mas era claro para nós que o ataque principal tinha de ser conduzido contra os flancos, que estavam defendidos por tropas romenas. No entanto, cálculos grosseiros diziam-nos que as forças e os meios necessários não poderiam estar disponíveis antes de meados de Novembro. Quanto à avaliação do adversário, considerávamos que a Alemanha fascista já não seria capaz de concretizar o seu plano estratégico para o ano de 1942. As forças e os meios de que dispunha no Outono de 1942 não eram suficientes para alcançar os seus objectivos no Norte do Cáucaso e na região entre o Volga e o Don.

Todas as tropas que o comando fascista podia utilizar no Cáucaso e em Stalingrado já estavam, em grande parte, esgotadas e exaustas. O adversário manifestamente já não dispunha de mais forças decisivas que pudesse lançar no Sul e sem dúvida que seria obrigado, como depois da derrota das suas tropas em Moscovo, a passar à defesa em todas as secções das frentes.

Sabíamos que as melhores tropas de ataque do adversário, nomeadamente o 6.º Exército de Paulus e o 4.º exército blindado de Hunth estavam envolvidos em extenuantes combates sangrentos e já não tinham capacidade para terminar a operação de conquista de Stalingrado, pois estavam encurralados nas ruínas da cidade».

Na noite de 13 de Setembro, pelas 22 horas, Júkov e Vassiliévski encontravam-se com Stáline:

«"O que pensaram? Quem apresenta?"

"Como queira", disse Vassiliévski. "Somos os dois da mesma opinião."

Stáline aproximou-se do nosso mapa.

"O que é isso aí?"

"O esboço provisório de um plano para uma contra-ofensiva na região de Stalingrado", respondeu Vassiliévski.

"Que exércitos são esses na região de Serafimovitch?"

"Isso é uma nova frente. Tem de ser constituída para executar um poderoso ataque contra a retaguarda operativa dos exércitos fascistas que operam em Stalingrado."

"Temos de momento forças suficientes para uma operação dessa envergadura?"

Informei que tínhamos calculado que a operação podia ser bem preparada e asseguradas as forças necessárias no prazo 45 dias.

"Não seria melhor atacar só a Sul e a Norte do Don?", objectou Stáline.

"Nesse caso o adversário poderia retirar rapidamente as suas tropas blindadas de Stalingrado e suster os nossos ataques", respondi. Um ataque profundo das nossas tropas a Oeste do Don retiraria, porém, a possibilidade ao adversário, por causa do obstáculo do rio, de manobrar rapidamente as suas tropas blindadas e neutralizar em tempo útil as nossas tropas.

"Não está a exagerar a capacidade das suas tropas?"

Eu e Vassiliévski esclarecemos que a operação tinha de ser dividida em duas etapas. Na primeira, devíamos romper a defesa do adversário, cercar as suas tropas em Stalingrado e conseguir um cerco externo estável, para isolar estas tropas das outras tropas adversárias. A segunda etapa consistia em frustrar as suas tentativas de romper o cerco e destruir as tropas cercadas.

"Isso ainda tem de ser reflectido e é preciso calcular as nossas reservas", disse Stáline. "Agora a tarefa principal consiste em manter Stalingrado e não permitir que o adversário avance para Kamichine.

Nesse momento entrou Poskrebichev e informou que Eriómenko estava ao telefone. Depois do telefonema, Stáline disse-nos:

"Eriómenko informou-me de que o adversário desloca tropas blindadas para Stalingrado. Devemos contar com um novo ataque amanhã." Depois virou-se para Vassiliévski. "Dê instruções imediatas para que a 13ª Divisão de Rodimzev avance imediatamente sobre o Volga e amanhã veja o que ainda pode ser transferido."

Virando-se para mim: "Telefone a Gordov e Golovanov para que utilizem imediatamente a força aérea. Gordov deve atacar de manhã cedo, para confinar o adversário. Quanto a si regresse para a frente de Stalingrado e inspecione a situação na região de Kletskaja e Serafimovitch. Vassiliévski voará dentro de alguns dias para a Frente Sul, para inspeccionar o flanco esquerdo. Mais tarde continuaremos

a nossa conversa sobre o seu plano. Mas o que aqui falámos não deve ser do conhecimento de mais ninguém.”

No final de Setembro fui chamado de novo a Moscovo para analisarmos o plano da contra-ofensiva. Vassiliévski, que tinha terminado a inspecção sobre as condições para uma contra-ofensiva do exército no flanco esquerdo da Frente Sul, regressara também a Moscovo.

Antes de irmos para o QG, encontrámo-nos e debatemos as nossas conclusões.

Durante a análise da situação na secção da Frente de Stalingrado, Stáline perguntou-me qual era a minha opinião sobre o general Gordov. Disse-lhe que Gordov possuía sólidos conhecimentos militares, mas que não se entendia muito bem com o seu estado-maior e os comandantes subalternos.

Stáline considerou que, neste caso, tinha de se colocar um outro comandante-em-chefe no comando desta frente. Propus o tenente-general Rokossóvski, Vassiliévski também concordou com a minha proposta. Simultaneamente decidiu-se também mudar o nome da Frente de Stalingrado para Frente do Don e da Frente Sudoeste para Frente de Stalingrado. Rokossóvski foi nomeado comandante-em-chefe da Frente do Don e M.S. Malinine chefe do seu estado-maior. O tenente-general N.F. Vatútime foi proposto para comandante-em-chefe da nova Frente Sudoeste.

O núcleo do estado-maior da Frente Sudoeste devia ser constituído pelo estado-maior do 1.º Exército das Tropas de Elite. O comandante-em-chefe deste exército, Moskalenko, foi transferido para comandante-em-chefe do 40.º Exército.

Depois de uma análise detalhada de todas as questões do plano da contra-ofensiva, Stáline disse-me: “Regresse à frente. Tome todas as medidas necessárias para esgotar ainda mais o adversário. Analise mais uma vez as zonas de concentração previstas no plano para as nossas reservas e as posições de saída para a Frente Sudoeste assim como para o flanco direito da Frente de Stalingrado, especialmente a região Serafimovitch-Kletskaia. O camarada Vassiliévski deve, com o mesmo objectivo, dirigir-se ao flanco esquerdo da Frente Sudoeste e aí examinar tudo o que tem que ver com o plano.”

Depois de uma análise cuidadosa de todas as condições para a preparação da contra-ofensiva, regressámos ao QG onde mais uma vez todos os aspectos importantes do plano foram analisados e por fim aprovados.

O mapa com o plano da contra-ofensiva foi assinado por mim e Vassiliévski e rubricado por Stáline.

De seguida disse a Vassiliévski: “Sem revelar o conteúdo deste plano, tem de se solicitar as opiniões dos comandantes-em-chefe das frentes.”»¹²

Das memórias de Júkov, confirmadas pelos relatos de Moskalenko, Chtemenko, Tchuikov, Rokossóvski, ressalta claramente que a elaboração do plano para a contra-ofensiva coube a Júkov, Vassiliévski e Stáline, com a colaboração de vários generais, principalmente os comandantes-em-chefe das frentes. A Vassiliévski cabe o mérito de ter trabalhado o plano em todos os seus detalhes, para o que também teve de tratar um sem-número de informações. Afinal, Vassiliévski era chefe do Estado-Maior cuja tarefa era apresentar o plano. (Vassiliévski tinha substituído Chapochnikov enquanto Chefe do Estado-Maior, UH). Deve concordar-se com as equilibradas explicações

¹² Idem, ibidem, p. 27-35.

finais de Júkov sobre a elaboração do plano estratégico da contra-ofensiva soviética em Stalingrado:

«Nos trabalhos preliminares para a elaboração do plano de uma tão grande contra-ofensiva com três frentes na região de Stalingrado, não se podia só partir de conclusões operativas, também era preciso fazer uma na avaliação concreta técnico-material.

Quem podia calcular as forças e os meios para uma operação de tal envergadura? Naturalmente que só quem dispunha dessas forças e desse material, no nosso caso, somente o QG do Comando Supremo e do Estado-Maior. Refira-se aqui que o Estado-Maior, durante toda a guerra, foi o instrumento de trabalho e o aparelho criativo do comando supremo e sem a sua acção criativa e organizadora não teria sido possível uma única operação de escala estratégico-operativa.

Evidentemente que o QG e o Estado-Maior examinavam minuciosamente, durante os combates, as informações sobre o adversário, analisavam-nas e tiravam conclusões sobre o comportamento do adversário e a acção das próprias tropas. Estudavam as considerações dos estados-maiores e dos comandantes-em-chefe das frentes, dos diferentes ramos das forças armadas e tomavam as suas decisões depois da avaliação destas informações,

Um plano operativo de uma tal dimensão estratégica só podia, portanto, ser resultado de um longo trabalho criativo de todas os ramos, de todos os estados-maiores e comandantes. O QG do Comando Supremo e do Estado-Maior tiveram a maior e decisiva participação no planeamento e garantia da contra-ofensiva de Stalingrado.

Na destruição do adversário tiveram primazia aqueles que através de golpes audazes, fogo preciso, coragem, bravura e sorte, desprezando a morte, derrotaram o adversário: refiro-me aos nossos gloriosos soldados, comandantes e generais, que depois da dura prova de fogo do primeiro período da guerra, alcançaram a prontidão máxima antes da contra-ofensiva para chamar a si a iniciativa estratégica e infligir ao adversário uma derrota catastrófica.

É mérito do QG do Comando Supremo e do Estado-Maior ter analisado com rigor científico todos os factores desta tremenda operação, cujo desenvolvimento e desfecho previram cientificamente.

Não se pode e não se deve por isso atribuir a uma só pessoa a “autoria” da ideia da contra-ofensiva.»¹³

Com o planeamento, organização e execução da batalha de Stalingrado, a doutrina militar soviética revelou-se, enriquecendo a teoria militar marxista-leninista. De forma clássica, o QG e o Estado-Maior, sob a direcção importante de Stáline, Júkov e Vassiliévski, aplicaram a teoria da defesa estratégica: enfraquecer o adversário na defesa, esgotá-lo, constituir reservas superiores na retaguarda, armar-se e depois partir para a ofensiva. A ofensiva é o resultado, a consequência, de uma defesa coroadada de êxito. Ela tem de se realizar sob pena da própria ruína. O importante teórico militar prussiano Carl von Clausewitz resumiu o fundamental da defesa estratégica: *«Se o que defende alcançou uma vantagem importante, então a defesa cumpriu e, a coberto dessa vantagem, tem de dar o contragolpe, se não se quiser expor a uma*

¹³ Idem, ibidem, ver também Tchuikov, pp. 35; Chtemenko, Vol.2, pp. 404; Moskalenko, *Na Direcção Sudoeste*, Nauka, 1969/Berlim, 1978, 2ª ed., pp. 308-334.

*certa queda (...) Como, quando e onde deve ter-se esta reacção depende, decerto, de muitas outras condições».*¹⁴ Quer dizer, das condições históricas concretas. Noutro lugar, Clausewitz acrescenta ainda que através «*de um tal género de defesa*» se introduz uma «*relação de poder*» «*que torna possível a vitória [a ofensiva, UH] e através desta vitória, como através do primeiro contragolpe provoca-se um movimento que então, nos seus efeitos funestos, aumenta de acordo com as leis do colapso.*»¹⁵ Esta lógica manteve-se no decorrer da guerra, que terminou consequentemente na capitulação incondicional da *Wehrmacht* alemã.

As enormes «*operações para cercar e liquidar os exércitos inimigos*» são designadas por Stáline «*exemplos perfeitos da arte da guerra*». Só «*a estratégia correcta do comando supremo do Exército Vermelho e a táctica elástica dos nossos comandantes*» podiam «*conduzir a um facto extraordinário (...) como o cerco e liquidação do tremendo exército de elite dos alemães, constituído por 330 mil homens, em Stalingrado.*»¹⁶

Pela primeira vez durante a Grande Guerra Pátria, o Exército Vermelho era superior técnica e materialmente. Isto foi **obra de todo um povo**. A tabela seguinte dá informação sobre a relação de forças no início da contra-ofensiva em 19/20 de Novembro:

Tropas	Homens (em milhares)	Canhões e lança-granadas	Tanques
Frente Sudoeste			
Tropas soviéticas	399,0	5888	728
Tropas adversárias	432,0	4360	255
Relação:	1:1,1	1,4:1	2,8:1
Frente do Don			
Tropas soviéticas	296,7	4682	280
Tropas adversárias	200,0	1980	280
Relação:	1,5:1	2,4:1	1:1
Frente de Stalingrado			
Tropas soviéticas	410,4	4931	455
Tropas adversárias	379,5	3950	140
Relação:	1,1:1	1,2:1	3,2:1
Relação total:			
Tropas soviéticas	1 106,1	15 501	1463
Tropas adversárias	1 011,5	10 290	695
Relação:	1,1:1	1,5:1	2,1:1

Todos os generais sublinham que a vitória foi alcançada sob a direcção do PCU(b), do seu CC e, *last but not the least*, do seu secretário-geral, o camarada Stáline.

Sublinhe-se uma vez mais: as vitórias não devem ser atribuídas a uma única pessoa. São resultado de um colectivo de dirigentes militares e do Partido. Mas diga-se, também claramente, que Stáline, enquanto comandante supremo, teve nesta vitória e no aperfeiçoamento da teoria militar marxista-leninista, um papel importante. Se

¹⁴ Clausewitz, *ibidem*, p. 384.

¹⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 529.

¹⁶ SW 14/306.

enquanto comandante supremo, Stáline teve a responsabilidade das derrotas de 1941/42, também a tem na histórica vitória de Stalingrado, de significado mundial.

Os 162 dias que durou «*o heróico combate por Stalingrado*» trouxeram, segundo palavras do presidente Roosevelt, «*honra ao seu nome para sempre (...) e um resultado decisivo (...) constituindo um dos capítulos mais gloriosos desta guerra contra o nazismo e os seus seguidores.*»¹⁷

No seu telegrama de felicitações a Stáline pelo 25.º aniversário da fundação do Exército Vermelho, recebido a 23 de Fevereiro de 1943, o presidente Roosevelt, em nome do povo dos EUA transmitiu «*profunda admiração pela brilhante e, em toda a história, insuperável vitória*».

O Exército Vermelho, «*apesar de baixas horrendas*» parou «*um inimigo poderosíssimo (...) em Leningrado, Moscovo, Voronej e no Cáucaso*» e «*por fim (...) na imortal batalha de Stalingrado (...) não só venceu (...) como iniciou a grande ofensiva em toda a frente desde o Mar Báltico ao Mar Negro. O Exército Vermelho e o povo russo levaram sem dúvida as forças armadas de Hitler ao caminho da derrota final e alcançaram a admiração permanente do povo dos Estados Unidos.*»¹⁸

Um ano mais tarde, o presidente Roosevelt enviou um «*Certificado de Stalingrado*», datado de 17 de Maio de 1944:

«*Em nome do Povo dos EUA entrego à cidade de Stalingrado este certificado para expressar a nossa admiração aos seus valentes defensores, cuja valentia, coragem e espírito de sacrifício durante o cerco, de 13 de Setembro de 1942 a 31 de Janeiro de 1943, ficarão para sempre nos corações de todas as pessoas livres. A sua gloriosa vitória parou a onda de agressão e tornou-se o ponto de viragem da guerra das nações aliadas contra as forças da agressão.*»¹⁹

Como são deploráveis, em comparação, os desabafos dos historiadores do período da «*glasnost*».

Stalingrado entrou definitivamente na história mundial, Volgogrado não. Sobre a questão da mudança do nome desta cidade deve o povo russo pronunciar-se, não tendo ainda dado a sua última palavra. O mesmo é válido para Leningrado.

¹⁷ Correspondência, *ibidem*, p. 518.

¹⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 532, documento3.

¹⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 836 e seg.